

# SENTIDOS DO CORPO: OS USOS DE DROGAS NA SOCIEDADE ISLÂMICA MEDIEVAL

*Marina Juliana de Oliveira Soares\**

**Resumo:** De que forma os árabe-muçulmanos encaravam o uso de drogas durante o período clássico? Eis a questão que propulsou o desenvolvimento deste artigo. A partir da literatura erótica islâmica, buscou-se tecer a relação entre estes homens e substâncias como o haxixe, o ópio e bebidas alcoólicas – estas proibidas no livro sagrado. O uso de inebriantes e psicoativos pela gente islâmica personifica uma outra convivência harmoniosa: a de homens e mulheres com o prazer do corpo. Os interditos que emergiram mais tarde só podem ser entendidos se recuperados estes momentos de “legalidade corporal”.

**Palavras-chave:** Drogas, Islã, Idade Média.

**Abstract:** How did the muslim-arabian face the use of drugs, during the classic period? That’s the question that impeled the development of this article. From islamic erotic literature, we tryed to show the relation between these men and substances as the hashish, opium and alcoholic drinks – these forbidden in the holy book. The use of the inebriants and psychoatives by islamic people personifies another harmonious acquaintance: that of men and women with the pleasure of their bodies. The prohibitions that emerged later only can be understood if we recuperate these moments of “corporal legality”.

**Keywords:** Drugs, Islam, Middle Age.

---

\* Graduada em História pela Universidade de São Paulo, mestranda do programa de Pós-graduação em “Língua, Literatura e Cultura Árabe” pela mesma instituição.

## 1. Introdução

A palavra droga, do holandês *drooch* – seco –, acomoda uma série de significados: designação moderna dada às especiarias e plantas medicinais originárias do Oriente; matérias que entram em preparados farmacêuticos, substâncias medicamentosas, estupefacientes. Exibindo uma ou outra acepção, as drogas estiveram presentes no mundo islâmico clássico.

O uso do verbo *estar* no passado sugere uma relação saudável entre os homens islâmicos – talvez as mulheres também – e a produção e uso de variadas plantas, cujo poder ia além da cura medicinal. Buscando o prazer ou a autotranscendência, os árabe-muçulmanos partilharam do conhecimento de inúmeras drogas – destacando-se algumas especialmente – e fizeram-nas circular livremente pela sociedade.

Para que possamos tecer considerações sobre esse momento, escolheu-se como objeto um conjunto de tratados de erotologia, que não apenas pensavam a sexualidade islâmica e o prazer que daí advinha, como também faziam inúmeras referências a alimentos que poderiam ajudar na obtenção do gozo e algumas drogas que pareciam visitar esse cenário do deleite.

Além dos textos conhecidos comumente como “tratados de erotologia”, escolheu-se uma obra bastante difundida entre nós: o Livro das Mil e Uma Noites. Os seus contos nos trazem inestimáveis contribuições sobre o mundo islâmico clássico, como alertou Ortiz<sup>1</sup>. Suas histórias, ainda que crivadas de maravilhoso e irreal, fazem menções à alimentação e ao uso de drogas pelos muçulmanos daquele período<sup>2</sup>.

Como se optou por trabalhar com fontes ditas literárias dentro de uma perspectiva histórica, cabem algumas ressalvas. O discurso literário, é certo, não tem a pretensão de traçar *stricto sensu* o panorama histórico de uma determinada civilização, num espaço estabelecido. De todo modo, é sempre possível descobrir nele inúmeros dados sobre o período e o lugar em que o texto foi gerado, o seu cenário, os costumes e as indagações de um povo. Dados esses que pinçamos, sobretudo, numa literatura despretensiosa.

Antonio Candido, ao escrever sobre a crônica no Brasil, assinalou que esse gênero “pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague

---

1. ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. p. 260.

2. “No mundo árabe, circulou pelo menos desde o século III H./IX d.C. uma obra com título e características semelhantes ao *Livro das mil e uma noites*. Contudo, foi somente entre a segunda metade do século VII H./XIII d.C. e a primeira do século VIII H./XIV d.C. que ela passou a ter, de maneira indubitável, as características pelas quais é hoje conhecida (...)” in JAROUCHE, M. M. (tradução). *Livro das Mil e Uma Noites*. Vol. I. São Paulo: Globo, 2005. p.11.

de uma aparente conversa fiada”<sup>3</sup>. A literatura de *As Mil e Uma Noites* ou dos tratados sobre sexualidade nos deixa entrever, em meio a contos fantásticos, as variadas possibilidades da busca e do uso dos prazeres entre os muçulmanos. As práticas diárias, os comportamentos de gêneros, a relação com o corpo e com o “outro” estão todas ali.

Perdido no interior de sucessivos mundos imaginários, encontramos o “mundo histórico”, a partir do qual o historiador pode retirar suas conclusões e refletir sobre o tempo e o lugar que lhe são oferecidos. Qualquer fonte documental depende dos usos que historiador e literato fazem dela. Esforcemo-nos, pois, para conferir a merecida atenção e importância às fontes de que ora dispomos.

## 2. O discurso erótico

Para se pensar a sexualidade na civilização islâmica, é preciso atentar, inicialmente, para o fato de que o discurso erótico é, antes de tudo, religioso. Afinal, tratava-se de um conjunto de “jeques, imanes y cadíes” – autoridades investidas do poder de guiar as condutas dos crentes, portanto – que se debruçaram sobre um dos “terrenos más misteriosos de la creación: el deseo sexual”<sup>4</sup>.

Dentre os fatores que teriam levado ao aparecimento de uma vasta gama de obras eróticas, Sabbah considera o aparecimento de uma classe “rica e ociosa” do Império islâmico, consumidora de todos os tipos de prazeres e refinamentos. Além disso, o intenso fluxo de escravas de Bagdá<sup>5</sup> – que carregavam consigo técnicas e práticas sexuais diversas – a todas as partes do Império teria aguçado o interesse erótico dessa classe. É por tal motivo que a maioria das obras eróticas tem suas origens em pedidos de reis e emires.

Uma outra face importante da administração abássida foi a fomentação de traduções das obras antigas para o árabe. Daí a presença de conceitos persas, indianos e greco-romanos em variados segmentos da vida muçulmana. Um deles foi a Medicina. Inúmeros autores gregos tiveram suas obras traduzidas e seu pensamento incorporado pelos árabe-muçulmanos. Dentre esses autores, destacam-se Hipócrates, Galeno, Dioscórides e Rufo de Éfeso. Os tratados eróticos não se furtaram a apresentar idéias médicas dos gregos.

3. CANDIDO, A. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed; Unicamp, 1992 p. 20.

4. SABBAB, F. A. La mujer en el inconsciente musulmán. p. 45.

5. A cidade de Bagdá foi construída durante o Reinado Abássida (750 – 1258 d.C. /132 – 656 Hégira), para ser a capital do Império Islâmico.

A produção de textos eróticos alcançou seu apogeu entre os séculos IX e XVI d.C. (III e VIII da Hégira)<sup>6</sup>. Os temas sobre os quais discorrem tais obras abarcam desde conquistas amorosas, passando por conselhos sobre a cópula, perfumes a serem usados, técnicas para aumentar o volume do órgão masculino, chegando a receitas com vários tipos de alimentos, bebidas e ervas para incitar o desejo e promover a realização do coito.

A partir desses tratados eróticos, é possível não apenas vislumbrar a relação entre os muçulmanos e o uso de bebidas e drogas, como também verificar a presença e o pensamento do Islã sobre esse “terreno de intimidade subjetiva evitado siempre por las religiones paganas”. Busquemos, portanto, as referências a bebidas e drogas na tradição literária, confrontando-as ao documento sagrado islâmico: o Corão.

### 2.1. As bebidas alcoólicas

Eis uma questão demasiado controversa dentro da sociedade islâmica. Os biógrafos de Maomé atribuem a proibição do álcool ao fato de que o tio do Profeta, Hamzah, possuía um comportamento “beberrão”, portanto, inadequado às práticas sagradas exigidas pela religião.

Contudo, o problema envolvendo o uso do álcool parece ser anterior, derivaria da própria tradução da palavra *خمر* (khamr). Esse vocábulo nomeia qualquer bebida fermentada ou aguardente de frutas. E o que se percebe em textos islâmicos e nas próprias traduções corânicas é o uso de khamr como sinônimo de sumo fermentado da uva.

Isso pode ser verificado nas seguintes suras do livro sagrado: “Interrogar-te-ão sobre o vinho e os jogos de azar. Responde: ‘Neles, há culpa grave e alguma utilidade para os homens. Mas neles, a culpa é maior que a utilidade’. E perguntar-te-ão: ‘O que deveremos gastar?’ Responde: ‘O supérfluo’. Assim Deus esclarece Suas revelações. Quiçá reflitais”<sup>7</sup>. E, ainda: “Ó vós que credes, o vinho, os jogos de azar, os ídolos e as flechas da adivinhação são obras repugnantes do demônio. Evitai-os. E possais prosperar!”<sup>8</sup> (grifo meu).

De todo modo, é preciso salientar que a palavra *خمر* pode designar qualquer bebida. É o que se nota, por exemplo, na tradução dos versos corânicos de Helmi Nasr. Como arabista e conhecedor do idioma árabe, Nasr traduziu *خمر* (é assim que aparece no Corão em árabe) por vinho, mas notificou que esse significante nomeia “toda bebida inebriante”<sup>9</sup>.

6. Nas referências posteriores, usaremos apenas as siglas d.C., para ano cristão, e H., para designar Hégira.

7. CHALLITA, M. (trad.). Sura 2:219. p. 47.

8. *Ibid.* Sura 5:90. p. 89.

9. NASR, H. (trad.). *Suratu Al-Baqarah*, 2:219. p. 59.

Se há uma exegese do termo, como se mostrou acima, é certo também que a ausência de consumo de bebidas alcoólicas na sociedade islâmica não pode ser afirmada contundentemente. O que se pretende verificar, através de textos literários, é se os muçulmanos bebiam, em que circunstâncias e como adquiriam tais bebidas.

O livro intitulado *O jardim perfumado*, concebido pelo Xeque Nefzauí, data dos inícios do século XVI d.C./X H e versa sobre os usos do sexo e as formas de se dar prazer e incitá-lo no parceiro. Um verdadeiro manual, com capítulos destinados a discutir aspectos sensuais, médicos, de gênero e afrodisíacos, que envolvem o sexo.

Esse tratado não traz qualquer informação específica sobre o uso do vinho. Mas, deixa-nos entrever, entre outras coisas, a seguinte afirmação: “O coito depois de uma longa rodada de bebida deve (...) ser evitado”<sup>10</sup>. É necessário observar que esse conselho figura ao lado de tantos outros no capítulo intitulado “Aspectos do ato do coito que podem ser danosos”. Pode-se entendê-lo, portanto, mais como uma prescrição que uma proibição.

Numa outra tradução desse mesmo tratado, conhecida como *Campos Perfumados*, Nefzauí faz notar que a “riqueza da alimentação” é uma das seis causas referentes ao apetite sexual. E chega a reiterar as seguintes palavras de Galeno: “Quem estiver fraco para realizar a cópula deverá beber, com vistas à sua ação, uma taça cheia de mel líquido (...)”<sup>11</sup>. Contudo, as alusões a bebidas não se estendem. E, portanto, não se encontra nenhum indício sobre bebidas alcoólicas.

De todo modo, a literatura árabe não se furtou a discorrer e pensar sobre o tema da bebida. Esses indícios podem nos ajudar a reconstituir o cenário cotidiano do Império islâmico. Em *As Mil e Uma Noites*, há menções recorrentes ao vinho. Lembremos, antes, que “vinho” é a tradução aceita para khamr, citado anteriormente.

Além dessa obra, um outro texto, intitulado *O Jardim das carícias*, que não possui qualquer indício de datação ou localização espacial, refere-se ao uso de bebidas alcoólicas em inúmeras passagens. Assim como no *Livro das Mil e Uma Noites*, as alusões são sempre ao vinho.

Do conto “O carregador e as três jovens de Bagdá”, extrai-se um dado importante para melhor compreender a relação entre os árabe-muçulmanos e as bebidas. Quando uma moça sai pela cidade em busca de diversas mercadorias, chega à casa de um velho cristão, onde compra por um dinar “um jarro verde-oliva

10. NEFZAUI, Omar Ibn Muhammad. *O Jardim Perfumado*. Tradução de Richard Burton. p. 137.

11. Id. *Os Campos Perfumados*. Tradução Monica Stahel. p. 179-180.

de vinho”. A venda da bebida, a essa época, já era interdita aos muçulmanos. Daí ser comercializada por cristãos. Além disso, a bebida não estava exposta, ou seja, não se podia encontrá-la em lojas abertas – como se notou na passagem literária.

Ainda que fosse desse modo, o vinho continuaria a freqüentar o cenário islâmico, mesmo após a proibição estipulada no Corão. A bebida parecia ser tolerada na corte do califa abássida, a ponto de Abu Nuwas, um dos maiores poetas “modernistas”, adorador do vinho, tornar-se freqüentador da corte de Harun Arrashid<sup>12</sup>.

Além do consumo em banquetes e outras reuniões, evocado nas obras literárias, há um outro dado histórico igualmente importante: Abu Ali Husayn ibn-Abdallah ibn-Sina (980-1073 d.C./369-465 H), conhecido, no Ocidente, apenas como Avicenna, foi o introdutor da idéia do uso de anestésicos por via oral. Em seu Cânon de Medicina, ele escreveu:

*“Se for necessário levar uma pessoa à inconsciência rapidamente, de forma a tornar a dor suportável, no caso de procedimentos dolorosos em um membro, coloque água de joio em vinho, ou administre fumária, ópio, hioscîamo (doses de meio dracma de cada); noz-moscada, agáloco cru (quatro grãos de cada). Adicione isto ao vinho, e tome tanto quanto for necessário para a finalidade. Ou ferva hioscîamo negro em água, com casca de mandrágora, até tornar-se vermelha. Adicione isto ao vinho.”*<sup>13</sup>

Note-se que Avicenna aconselha o paciente a tomar a mistura até que se atinja a finalidade buscada, neste caso, o alívio da dor. Se o médico visse no uso da bebida um ato grave, é certo que não a receitaria como remédio. Neste sentido, Avicenna, ainda que fosse muçulmano, não seguia o preceito de Maomé, que via no álcool uma doença e não um medicamento. Além do uso anestésico, Avicenna recomendou a aplicação do vinho em feridas, o que se tornaria prática comum na Idade Média.

Num dos capítulos de seu livro *Poema da Medicina*, Avicenna assinala como fatores essenciais à boa saúde, entre outros, a alimentação e as bebidas. No tópico “Règles concernant la boisson: eau ou autres”, o médico afirma que o vinho, assim como o *nabidh*<sup>14</sup> e o leite, alimenta. O homem que defendia, ainda, o uso de remédios que misturavam o ópio, nozes, eufórbia e alcaçuz morreu convicto de suas receitas, por uma overdose de ópio acompanhado de vinho.

---

12. Harun Arrashid foi o quinto califa da dinastia abássida, fundador da cidade de Bagdá. Seu reinado durou de 786 d.C. a 809 d.C./169 a 193 H.

13. RAGIP, H. S. M. “O Islam e as ciências médicas”. Artigo publicado na Revista Mundo da Saúde, Universidade São Camilo, nov.-dez. de 2000.

14. Há uma nota indicando que *nabidh* pode ser entendido como tâmaras ou uvas secas maceradas na água.

*Essa visão médica acerca do vinho também aparece nas Mil e Uma Noites. No conto “O carregador e as três jovens de Bagdá”, o comerciante, ao saborear inúmeras taças do líquido, afirma: “A bebida corta o que é nocivo e atua como remédio, fluindo e produzindo boa saúde”<sup>15</sup>. Após sorver todo o conteúdo da taça, o carregador recita os seguintes versos: “(...) ‘bebe, pois são minhas lágrimas, e o vermelho/ é meu sangue, tingido, na taça, por meu ardor. Ela disse: “se foi por mim que choraste sangue,/ então, dá-me de beber, e eu o farei com todo o prazer””<sup>16</sup>.*

Eis a aplicação mais recorrente da bebida, em textos literários: em banquetes, reuniões comemorativas ou tertúlias. A apreciação do vinho parece se dar em encontros noturnos, sempre regados a música e investidas sensuais. Por ser proibido e comercializado às escondidas, é certo que seu valor fosse alto. Em razão disso, o que se observa nos tratados eróticos é um consumo entre gente com posses.

No conto citado anteriormente, a reunião é composta pelo comerciante e por três jovens. O encontro se dá numa casa espaçosa, de construção alta e portas decoradas por duas lâminas de marfim engastadas de ouro cintilante. Tratava-se, portanto, de três jovens amparadas financeiramente. Mais que isso, eram moças educadas nas letras, pois afirmam ter lido crônicas de um poeta.

Desde o momento da chegada do homem à casa, passa a ser-lhe oferecido vinho. A bebida faz-se acompanhar por conversas, comida, incensos, fragrâncias perfumadas. A casa ainda receberá três dervixes, o califa Harun Arrashid e seu vizir, Jacfar. A respeito do califa, formou-se a lenda de que ele passeava à noite pelas ruas de Bagdá, disfarçado, a fim de descobrir injustiças cometidas contra sua gente.

Todos os participantes da reunião bebem. Nem o califa se furta a tal prazer. Um dado curioso a respeito de Harun Arrashid é o fato de que, em algumas traduções recentes da obra, o personagem engendra a desculpa de que não pode beber por estar se preparando para peregrinar a Meca. Nesse caso, é-lhe servida bebida não-alcoólica.

Se atentarmos para tal dado, perceberemos que a figura dotada de grande força política e religiosa, entre os árabe-muçulmanos, não se opunha ao uso do vinho, apenas respeitou o período anterior à sua peregrinação. Outro indício da possível tolerância em relação ao álcool, nesse momento, é a informação – cuja certificação se faz necessária – de que, durante o reinado abássida, o vinho era admitido no palácio do califa.

---

15. *Livro das Mil e Uma Noites*. p. 117.

16. *Ibid.* p. 117.

Há autores que são enfáticos, quando discorrem a respeito da proibição alcoólica. Hitti é um deles. Para o autor, não só os califas desrespeitavam a interdição corânica, como nem mesmo os “vizires, príncipes e juízes davam atenção a este preceito religioso”<sup>17</sup>. Se esses homens, imbuídos de poder político e da faculdade de orientar as práticas cotidianas dos muçulmanos, não faziam cumprir as ordenações corânicas, há de se pensar que havia todo o respaldo moral para praticar ações interditas.

Dada a situação social esboçada nos tratados eróticos, em que há a presença de homens e mulheres, faz-se notar que também as moças bebem vinho. Embora sejam mulheres de alta estirpe, na maior parte dos casos retratados, elas não se furtam a degustar grandes quantidades de bebida alcoólica. Os encontros amorosos são prova substancial dessa situação.

No livro *O Jardim das carícias*, o príncipe Flor de Amor encontra duas belas jovens, caminha até elas, despe-se e deita-se ao seu lado. As moças, surpresas e encantadas com o que vêem, oferecem-lhe “frutos e bolos, que repousavam sobre bandejas de ouro e de prata ao alcance das mãos, e beberam com ele caldas e licores tão doces e embriagadores, que os sentidos dos três logo se inflamaram”<sup>18</sup>.

Nem é preciso enfatizar quão belo e rico era o palácio no qual o príncipe ficou hospedado. A riqueza proporcionava abundância de alimentos e também de bebidas, corpos saudáveis e belos, além de convivências correntes em banquetes e festas. Tudo isso está atrelado, se é que não forma a própria condição de existência, aos amores e prazeres sexuais.

Num dos jantares, envolto por escravas musicistas e dançarinas, o príncipe Flor de Amor, exaltado pelos “licores generosos”<sup>19</sup>, olha para uma das jovens, que segura uma taça de vinho dourado, e recita os seguintes versos: “*Não me digas que o vinho é funesto aos poetas,/ pois enquanto for azul o vestido do céu/ e verde aquele da terra,/ desejarei beber até morrer/ para que os rapazes e moças/ que vierem visitar minha tumba/ possam respirar minhas cinzas/ e baste seu odor para embriagá-los*”.<sup>20</sup>

Iguarias de extremo requinte e vinhos delicados, citados na obra, estão presentes invariavelmente nos banquetes. E estes se dão, por suposto, em ocasiões muito especiais. O banquete não se resume, aqui, num simposium ao estilo grego. Os

---

17. HITTI, P. K. *Os árabes*. p. 108.

18. SAHLI, Rejeb ben. *O jardim das carícias*. p. 43.

19. Além do fermentado de uva, havia o khamr de tâmaras. Segundo Hitti, a bebida predileta dos árabes a essa época.

20. SAHLI, Rejeb ben. *op. cit.* p. 47.

homens não se reúnem para aprender a beber. Mas há uma característica que em muito se aproxima ao banquete antigo: o uso do vinho se faz em grupo. Não há um personagem árabe-muçulmano que beba sozinho.

Os banquetes se dão por razões comemorativas: a um período de desgosto, tristezas e incertezas, sucede a festa. Nesse sentido, o banquete existia com a finalidade de agregar os convivas, celebrar a alegria e compartilhar comidas e bebidas. De acordo com a religião, apenas os alimentos lícitos deveriam ser postos à mesa. Porém, o vinho, ilícito, marcava sua presença.

Além das festas para muitos convidados, a literatura nos traz exemplos do uso do vinho em galanteios amorosos. Querendo conquistar uma bela jovem, o príncipe Flor de Amor ordenou às empregadas que servissem uma farta refeição, a que sucedeu um vinho delicioso, servido em taças de cristal de rochas.

O príncipe recitou alguns versos e “quando terminou seu canto, bebeu alguns goles de vinho e depois estendeu a taça à companheira, suplicando-lhe que bebesse por amor a ele, tal como bebera por amor a ela”<sup>21</sup>. A oferta do vinho se justifica, certamente, pelos efeitos do álcool no corpo, mas também pelo significado sedutor que a bebida carrega. Impossível deslindar o prazer do vinho do prazer do corpo. Ao menos foi isso que pregou a literatura erótica.

Afora esses usos em reuniões e encontros de amantes, observa-se o emprego do vinho em situações corriqueiras, passíveis de serem testemunhadas em outros espaços e tempos: bebe-se para esquecer os desgostos. O “expulsa-dores”, lembrado por Braudel, não figurou apenas nas sociedades européias à época moderna. Atentando-se aos textos literários, é possível afirmar que os homens islâmicos também recorriam à bebida, quando eram tomados pela tristeza.

O príncipe, que já mencionamos anteriormente, ao ver-se abandonado e entregue à mercê do destino, é flagrado por um velho judeu. Este ouve sua história e o leva a uma taberna, onde esvaziam alguns copos de vinho. Eis a forma de um homem ajudar a outro.

Saindo do espaço privado e visitando a cidade-capital Bagdá, também encontramos a disseminação da bebida alcoólica. Ao discorrer sobre as diversões na cidade oriental mais rica do período, Mazahéri notou que as pessoas saíam para respirar ar fresco e saborear cabrito assado acompanhado de um bom vinho ou de *hydrome*<sup>22</sup> gelado<sup>23</sup>.

21. 21 *Ibid.* p. 73.

22. Hydromel é uma bebida alcoólica fermentada à base de água e mel.

23. MAZAHÉRI, A. *Le vie quotidienne des musulmans au moyen age Xe au XIIIe siècle.* p. 178.

Por ter o consumo proibido no Corão, é bem provável que pouco ou nada se produzisse da bebida em terras árabes. Daí a uva, assim como laranjas, pêssegos e damascos, ser importada de países mediterrâneos. Além do vinho, outras “bebidas fortes”<sup>24</sup> eram consumidas pelos muçulmanos, e sua produção se devia aos cristãos e judeus locais ou, então, recorrer-se-ia à importação da Europa Ocidental.

Faz-se necessário notar que, mesmo após a tomada da Península Ibérica pelos árabes, não houve a proibição da cultura da vinha nem da produção da bebida. O emir de Córdoba mostrou-se tolerante para com os cristãos em razão da importância da agricultura para os árabes. Desde tempos longínquos, “onde quer que houvesse solo e água, cultivaram-se frutas e legumes”<sup>25</sup>. Daí os agricultores gozarem benevolência e proteção dos administradores políticos, em troca da disposição em trabalhar no campo.

Não foi apenas o vinho a droga consumida pelos muçulmanos. Substâncias as mais variadas foram empregadas para aliviar dores, incitar o aborto, eliminar o mau cheiro de partes do corpo, aumentar as dimensões do membro sexual masculino, estimular os desejos sexuais. A busca pelo prazer pessoal foi também potencializada pelo uso do haxixe. É sobre esse derivado da cannabis que nos deteremos mais cuidadosamente.

## 2.2. O haxixe

O haxixe **حشيش** é o produto obtido a partir das secreções resinosas das flores e inflorescências femininas da *cannabis sativa*, contendo elevada concentração de Tetrahydrocannabinol (THC). Entre seus efeitos, encontram-se excitabilidade, risos, relaxamento e sonolência.

Ao contrário do que ocorre com a bebida, o livro sagrado não proíbe o uso de haxixe. Daí o seu consumo não consistir em nenhuma transgressão. Assim como o vinho, o haxixe parece ser luxo dos habitantes da cidade. Qual agricultor despenderia dinheiro com uma substância provavelmente cara? Difícil crer que tais homens tivessem conhecimento da droga e quisessem utilizá-la.

O consumo de haxixe na literatura erótica comunga esses mesmos princípios: ou é usado por homens renomados, ou é oferecido em ambientes ricos. Os experimentados no uso do haxixe são sempre homens. Essa tradição masculina parece ter origem numa seita persa, fundada por Al-Hasan ibn al-Sabah.

Esse homem rompeu com a tradição islâmica e fundou sua própria seita. Os árabes se referiam a ela como *hashashin*, ou comedores de *haxixe*. O termo,

24. HOURANI, A. H. *Uma História dos povos árabes*. p. 141.

25. *Ibid.* p. 115.

pejorativo entre os árabes, passou a significar *assassino*. Mas a tradição de comer haxixe continuou a vigorar na cultura islâmica.

É possível encontrar referências sobre o haxixe também na literatura médica. Avicenna e Razes prescreviam que “para curar la pitiriasis se lave la cabeza com el jugo de las hojas o con el óleo de los cañamones”<sup>26</sup>. O haxixe era usado, ainda, para provocar sono profundo ou como anestésico.

Alguns doutos aconselhavam o emprego do cânhamo como alimento. Ibn Masawayh (777-857 d.C./160-242 H), médico persa, recomendava às pessoas de temperamento fleumático<sup>27</sup> ingerir alimentos calóricos e dessecativos, como uvas passas e sementes de cânhamos (os *cañamones*), em razão de sua natureza fria e úmida. Ibn Al-‘Adim, no século XIII d.C./VII H, cita os *cañamones* como ingredientes no preparo de quatro receitas para cozinhar nabos.

O haxixe foi objeto de interesses médicos, ao mesmo tempo que gozou um *status* de substância de uso pessoal: alimento, em alguns casos; prazer corporal, em outros. A farmacopéia árabe assinalou, ainda, o uso da substância associado ao ópio e ao vinho. Contudo, as combinações, ao que parece, deram-se também com outros compostos.

No livro *O jardim perfumado*, o xeque Nefzauí escreve o seguinte conselho para quem copula exageradamente: “(...) o homem que se entrega apaixonadamente ao gozo do coito, sem sofrer um excesso de fadiga, deve viver de alimentos revigorantes, confeitos, plantas aromáticas, carne, mel, ovos e outras provisões semelhantes”<sup>28</sup>.

O que nos interessa particularmente nessa passagem são os *confeitos*. Estes, chamados *madjun* ou *majoun*, são preparados com frutas, em especial cerejas e pêras cozidas com mel. Burton afirma que, caso se os queira mais condimentados, “podem-se acrescentar diferentes quantidades de canela, almíscar etc”<sup>29</sup>.

O significado e a origem de *madjun* ou *majoun* são obscuros. A princípio, o vocábulo *majoun* designaria o nome da *cannabis* na África do Norte. Mas, ao atentarmos para Escohotado e Burton, percebemos que essas palavras indicam uma mistura de variadas substâncias. Ainda que Burton não mencione o detalhe em sua nota, o *madjun*, como ele grafou, contava com o incremento da *cannabis*.

---

26. *Solaz del espíritu en el hachís y el vino y otros textos árabes sobre drogas*. p. 11.

27. A teoria dos humores, desenvolvida por Hipócrates (460-377 a.C.) e presente na medicina árabe, preconiza que o corpo é composto por quatro elementos: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Os temperamentos derivados daí são o sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. As propriedades são, respectivamente, quente e úmido; frio e úmido; quente e seco; frio e seco. Em virtude das características específicas do fleumático, é que se aconselha o uso de alimentos secos.

28. NEFZAUI, Omar Ibn Muhammad. op. cit. p. 135.

29. Ibid. p. 135.

Há uma vasta gama de ingredientes que poderiam ser adicionados ao *madjun*: frutas, canela, almíscar, manteiga, mel, noz, cravo. Escotado nos lembra, ainda, que esse confeito poderia ser potencializado com beladona, datura ou ópio. Se acreditarmos que *madjun* seja uma variação de *majoun*, teremos algumas pistas sobre o efeito de tal confeito.

O significante **مجنون** (majoun) é uma variação de outros dois vocábulos e consiste em sinônimos como libertino, desavergonhado, loquaz. Se este foi um termo cunhado por um personagem que observava um consumidor do confeito, talvez faça sentido atribuir tais adjetivos (seriam depreciativos?) ao comedor de haxixe.

Na “História dos dois consumidores de haxixe”, conto de *As Mil e Uma Noites*, a figura principal é um pescador aficionado ao uso do produto. O homem compra a erva da qual se extrai o haxixe e a toma três vezes ao dia: pela manhã, em jejum; ao meio-dia e ao pôr-do-sol. Lembra o narrador que esse consumo não o impedia de exercer seu ofício.

Certa tarde, após ter tomado uma dose de haxixe, o pescador conversa consigo mesmo e decide sair à rua e aproveitar seu prazer e sua alegria solitária. Quando chega à orla do mar, vê o reflexo da lua no chão e pensa que é água. Sem demora, o homem busca sua vara de pescar e joga o anzol sobre aquilo que acreditava ser água.

O que ocorre a seguir é que um enorme cachorro, atraído pelo odor do sebo, engole o anzol e se machuca enormemente. O pescador, crendo ter fígado um grande peixe, puxa o anzol, que, por sua vez, fere ainda mais o animal. Por fim, o homem é arrastado e, com medo de se afogar, grita desesperadamente por ajuda.

Os guardas que o acodem, inicialmente riem de sua história, mas acabam por conduzi-lo à casa do cadi. O pescador e o cadi consomem haxixe, desnudam-se, cantam e dançam juntos. Não fosse o bastante, o sultão e o vizir se unem aos outros dois e participam da confraternização promovida pela substância.

Toda essa situação, somada ao episódio em que o cadi quase urinou no sultão, já seria suficiente para que o primeiro fosse punido. O que não ocorreu. O pescador, por sua vez, ainda em “estado de delírio”, não apenas foi poupado pelo sultão, como recebeu deste o convite para viver no palácio e, ulteriormente, o cargo de grão-vizir.

Atentemos para o comportamento daqueles que consumiram haxixe. Alucinação, vivacidade, distanciamento do mundo. Impressões muito próximas daquelas sentidas por Baudelaire, em *Os paraísos artificiais*. Para ele, o haxixe causa uma estupefação que se apodera de todo o ser; os sentidos adquirem uma agudeza extraordinária. Logo vêm as alucinações: os objetos se revelam sob formas

desconhecidas. Tudo é um constante deformar e transformar. Se o haxixe era visto como perigoso e inútil pelo poeta francês, não o era para muitos árabes.

Nos textos analisados, observamos quatro formas diferentes de tomar o haxixe. Em *As Mil e Uma Noites*, o pescador pegava parte de seus rendimentos e comprava “aquella hierba de la que se extrae el hachís”. Como indicado, o próprio consumidor extraía a resina da *cannabis* e a comia. Aqueles que possuíam acesso a uma alimentação mais diversificada poderiam utilizar o haxixe em receitas doces.

O *majoun*, confeito que citamos anteriormente, exigia um maior trabalho, não somente pela necessidade de outros ingredientes, como pelo processo mesmo de fabricação. Em virtude disso, é possível que fosse usado, em grande parte, pelas camadas mais abastadas da população, que se davam ao luxo de promover suntuosas festas. Os cafés, sempre aglutinadores de intelectuais e artistas, aqui não podem ser considerados como locais de consumo. Segundo Hitti, eles só entraram em voga no mundo islâmico a partir do século XV d.C/IX H.

Ainda em ambientes requintados, deparamos com os narguilés. Numa passagem de *O Jardim das carícias*, Flor de Amor, acompanhado de outros jovens, chega a uma sala coberta de tapetes, almofadas bordadas e peles de animais. Lá, “havia pequenas mesas de ébano com narguilés de haxixe e taças de licores e sorvetes”<sup>30</sup>.

Para um estudioso<sup>31</sup> do assunto, o narguilé aparenta-se à arte do “bem fumar”. A reunião de pessoas em torno do objeto revela a sua função de “coesão micro-social”. Daí o uso coletivo do aparelho, na literatura árabe e também na história desse povo. Não apenas o haxixe, mas também o ópio foi incorporado como ingrediente do narguilé, durante esse período. Mel, frutas, azeite e, por fim, o tabaco puro completaram a lista de produtos fumados no aparelho.

Uma outra maneira de consumir o haxixe foi através do emprego de cachimbo. Dada a variedade de materiais usados na fabricação do cachimbo – madeira, barro, osso – é possível que pessoas de classes menos abastadas utilizassem-no. Devido à sua menor complexidade, os apreciadores do haxixe podiam servir-se do aparelho sozinhos, sem a necessidade de um grande cerimonial.

### 2.3. O ópio

O ópio é uma substância extraída da papoula, nome popular do *Papaver somniferum*, uma das inúmeras espécies da família das *Papaveráceas*. Dentre os efeitos atribuídos ao ópio, encontra-se a sua propriedade sedativa e hipnótica. A referência ao ópio faz-se ler tanto no Talmude quanto na Bíblia. Segundo alguns

30. SAHLI, Rejeb ben. *O jardim das carícias*. p. 101.

31. CHAOUACHI, K. *Anthropologie d'un mode d'usage de drogues douces*. Paris: L'Harmattan, 1997.

estudiosos, a denominação dada ao ópio na Bíblia é rôsh. Numa tradução portuguesa da Bíblia, aparece a expressão “água de fel”. Segundo a Revista Brasileira de Anestesiologia, “água de fel” seria o produto de uma planta conhecida como dormideira, nada mais que o nome popular da papoula.

Se se alude ao ópio nos livros sagrados do judaísmo e do cristianismo, o mesmo não se pode dizer sobre o Corão. Isso não significa que a substância tenha sido desconhecida dos árabes. A história do ópio entre eles confunde-se em muito com as tradições médicas desse povo. O maior nome da medicina islâmica, tão recorrente ao longo do texto, não se furtou a enfatizar e empregar as propriedades desse produto. É a Avicenna, e também a Rhazes, que se atribui “la restitución del opio tebaico (‘da adormidera negra de Egipto’) a su lugar dominante en farmacopea”.<sup>32</sup>

O emprego em triacas, ou misturado a solanáceas e à *cannabis*, foi amplamente difundido. Aplicou-se o ópio, por vezes, à confecção do *majoun* – esse confeito à base de haxixe, de que já se tratou em outros momentos. Assim como a resina extraída da *cannabis*, o ópio também figurou num cenário de desejos humanos. Seu caráter euforizante fez-se sentir tanto nos espaços privados quanto nos públicos, como o *diwan*.

Eis a destacada singularidade do uso árabe, assim compreendida por Escohotado: o ópio não consistiu apenas num analgésico ou antídoto, mas principalmente num euforizante. Ostentando, em alguns momentos, a inscrição “presente de Deus”, as pastilhas de ópio disseminaram-se no mesmo ritmo da expansão árabe. As advertências médicas sobre a qualidade do ópio e sobre as possíveis adulterações feitas por comerciantes denotam a elevada difusão da substância. Alimento, fumo, em sucos de uvas, misturado ao haxixe. Todas as classes sociais deram-se a conhecê-lo e a consumi-lo. Os homens viviam a opiofagia.

O ópio, acreditavam os árabes, permitia à gente desse mundo envelhecer sem amarguras e morrer docemente. Se alfaquis e ulemás levantaram qualquer oposição ao uso do haxixe, o mesmo não se pode dizer sobre o produto da papoula, que gozou de adeptos até fins do século XVI d.C./IX H.

Se o ópio desfrutou tamanho prestígio na sociedade islâmica, é quase certo encontrar na literatura reflexos dessa relação harmoniosa. Voltemos às *Noites*. Curioso notar que encontramos apenas um conto, dentre tantos tecidos, que versou sobre a substância. Trata-se da história de um mercador egípcio, de nome Šams al-Din, cuja idade de quarenta anos traz à lembrança o filho que ainda não teve. Alertado por sua esposa de que seu sêmen era demasiado transparente – daí a causa

---

32. ESCOHOTADO, A. *Historia general de las drogas*. p. 255.

de não engravidar sua mulher –, procurou entre os *drogueros* algo que pudesse lhe ajudar.

Passou horas andando pelo mercado à procura daquilo que enturvasse seu sêmen. Nada encontrou. Foi, então, que deparou com um comerciante adicto ao haxixe, ao ópio e ao barsh. A receita revelada a Shams al-Din era uma mistura de ópio concentrado, canela, cravo, cardamomo, gengibre, pimenta. Combinada, por fim, com azeite e mel de abelha. Tomadas as recomendações e a mistura de ópio, o homem copulou com sua esposa, que engravidou.

As traduções de *As Mil e Uma Noites*, que foram sendo produzidas por europeus pós-século XVIII, fizeram calar qualquer referência a “drogas”, que lá aparecessem. Discrição, pudicícia, moralismo. O resultado, afora a mutilação dos contos, foi o enaltecimento de uma cultura que falava do outro, a partir de si própria. As drogas também se tornaram vítimas desse discurso, que analisa pautado mais em referências éticas e contemporâneas que numa visão histórica e de alteridade.

### 3. Conclusão

Depois da tentativa de fazer emergir a relação nutrida entre os árabe-muçulmanos e as drogas, um problema, que se desdobra em variadas questões, surge imediatamente. Por que substâncias usadas pela medicina, pela farmacopéia e por homens e mulheres que buscavam experiências prazerosas foram transformadas ou deformadas pelos interesses das sociedades, a ponto de serem amplamente condenadas na época moderna?

As lojas de drogas vendiam um sem-número de ervas e derivados que eram, em grande parte, comprados pelas gentes molestadas por algum tipo de doença. Misturas eram feitas, novas descobertas também. Foi assim que se pôde discernir o caráter medicinal de tantas ervas, flores, frutos, extrações.

Sanadas as necessidades primárias de combate aos males, os homens se deram a partilhar um novo tipo de experiência: o prazer advindo das substâncias já conhecidas. Buscava-se pelos “promotores de felicidade”, estes “despertadores de consciência cósmica”, que, para Huxley, haviam sido descobertos “antes da aurora da História”<sup>33</sup>.

Os árabes compartilhavam dessas práticas na medida em que permitiram a circulação e o uso de diversos psicoativos. *Inebriantia, phantastica e euphorica*<sup>34</sup>,

33. HUXLEY, A. *Moksha*. p. 185.

34. Embora se utilize, aqui, o termo *psicoativo* para nomear substâncias distintas e responsáveis por variadas experiências, é preciso lembrar que há inúmeras outras classificações, como aquela do alemão Louis Lewin. No início do século XX, o farmacólogo classificou as substâncias que agem sobre o corpo e/ou a mente em

inclusive, estiveram à venda nos mercados, foram utilizados como medicamentos, puseram-se ao alcance de quem acreditava no seu poder benéfico sobre o corpo.

Califas, vizires, cadí e outros dignitários islâmicos toleraram o consumo dos psicoativos ou sentiram o poder de tais substâncias. Correntes místicas, como o sufismo, tiveram, entre seus adeptos, entusiastas do vinho. Sobre o inebriante, Hazrat Inayat Khan escreveu a seguinte poesia: *“Tu derramaste vinho na minha taça vazia onde quer que nos encontrássemos,/ sobre colinas e vales, sobre os topos das altas montanhas,/ nas espessas florestas e nos desertos estéreis,/ sobre as praias do mar agitado e sobre as margens do rio tranqüilo;/ e lá, ergueu-se em meu coração a paixão não-terrena e a alegria celeste”*<sup>35</sup>.

A busca do místico se faz através da bebida: ele atinge uma alegria além das possibilidades mundanas. Outra substância capaz de induzir o crente a um estado de iluminação espiritual foi o haxixe. Embora a resina tenha sido vastamente difundida pela sociedade islâmica, a conduta ascética desses homens de classes inferiores foi repudiada pelos árabes.

Também Muhammad teve sua experiência de êxtase. O “vôo noturno” do profeta levaria inúmeros sufis a buscar práticas de ligação com a divindade. Depois desses “vôos”, os místicos islâmicos carregaram a religião “com luz, amor e uma fragrância divina que não vinha deste mundo” contra “o legalismo sufocante que ameaçava comprimir o Islã”<sup>36</sup>.

Quem poderá rechaçar a idéia de que a fragrância divina, que não fazia parte deste mundo, fosse evocada por tâmaras – frutas prediletas do profeta – transformadas em bebida inebriante ou que os “vôos noturnos” compartilhassem os mesmos indutores da experiência mística que aqueles usados pelos sufis?

O Islã conheceu os sofrimentos do corpo, e engendrou formas de aliviar os males dos homens. Esteve atento à sexualidade humana, e teceu, portanto, uma relação profícua com o corpo. Em inúmeras passagens do Corão, é possível perceber referências recorrentes ao sêmen, ao sangue, ao leite. Todos os homens e todas as mulheres têm direito igual ao prazer. Se foi assim com o sexo, por que não seria também com o uso de psicoativos? Afinal, significaria, em última análise, defender a própria satisfação corporal.

---

cinco grupos: excitantia, euphorica, hypnotica, inebriantia e phantastica. Nesse sentido, álcool, haxixe e ópio corresponderiam, respectivamente, a inebriantia, phantastica e euphorica.

35. EICHEMBERG, N. R. (trad.). *O coração do sufismo*. p. 196.

36. ROGERSON, B. *O profeta Maomé, uma biografia*. p. 144.

Quando pensamos no haxixe e no ópio, não deparamos com o interdito – pelo menos durante o período clássico. O álcool, como sabemos, foi proibido, mas a lei, transgredida. Não se poderia, em algumas páginas, levantar as possíveis causas para o recrudescimento da interdição às drogas, na sociedade islâmica. Principalmente, se a tratássemos como um bloco homogêneo, que passou por processos idênticos de formação de identidade, constituição política, comportamento social.

Pode-se pensar em algumas questões, que contribuíram para endossar a vertente proibicionista: à medida que houve a constituição dos Estados-Nação, com demarcação de fronteiras e organização política, revelou-se uma quase incapacidade de separar Estado da religião. O resultado são governos pautados no Corão, que utilizam um documento produzido ao longo do século VII d.C. como manual jurídico. Daí advêm práticas que não condizem com a realidade vivida, punições severas ou mesmo atrozes. São ações como estas que continuam a impelir as sociedades islâmicas para longe da “modernidade”.

Modernidade tecnológica e científica, é bom que se diga. Afinal, o corpo – tanto no Ocidente quanto no Oriente – continua a pagar um alto preço por seus desejos. As drogas, outrora agentes de cura ou de uso pessoal, entre os muçulmanos, foram incorporadas ao discurso oficial em voga no mundo “civilizado”, que passou a rechaçar, proibir e punir duramente os que se arriscam a utilizá-las.

A sociedade islâmica, outrora aberta e simpática aos desejos dos corpos, escondeu o sexo sob os cuidados do segredo, da decência e da modéstia. A reboque desse comportamento, homens e mulheres tornaram-se indecifráveis perante o proibido. Para Nietzsche, o homem islâmico mostrava-se como o sujeito do “não”, o reativo. Diante disso, cabe inteiramente a pergunta feita por Foucault: “o que alguém deve saber sobre si para que esteja disposto a renunciar a qualquer coisa?”. O corpo continua a ser um enigma.

### **Bibliografia:**

- AL-MAKHZOUMI, Al-Sayed H. I. H. *As fontes do prazer*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ATTIE FILHO, M. *Falsafa: a filosofia entre os árabes. Uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- AVICENNE. *Poème de la Médecine*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1956.
- BALICK, M. J. E COX, P. A. *Plants, people, and culture. The Science of Ethnobotany*. New York: Scientific American Library, 1996.

- BAUDELAIRE, C. *De Los Paraísos Artificiales*. Traducción de Nydia Lamarque. 1ª edição. México: Editorial Aguilar, 1961.
- BENJAMIN, W. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo*. Lisboa: Cosmos, 1970.
- CANDIDO, A. *A crônica: o gênero, sua fixação e sua transformação no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- CARNEIRO, H. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Pequena Enciclopédia da História das drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- CHAOUACHI, K. *Anthropologie d'un mode d'usage de drogues douces*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- ESCOHOTADO, A. *Historia general de las drogas*. 3 vol. Madrid: Alianza Editorial, 1998.
- FOUCAULT, M. "Tecnologias de si" In *Verve, revista semestral do Nu-Sol*. PUC/SP. 2004.
- HITTI, P. K. *Os árabes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.
- HOURANI, A. B. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HUXLEY, A. Moksha. *Textos sobre psicodélicos e a experiência visionária 1931-1963*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- KHAN, H. I. *O coração do sufismo*. Tradução de N. R. Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1999.
- Las Mil y Una Noches*. Tomo I. Traducción: León-Ignacio. Madrid/Barcelona: Ediciones 29, 1985.
- Las Mil y Una Noches*. Tomo II. Traducción: León-Ignacio. Madrid/Barcelona: Ediciones 29, 1985.
- LE GOFF, J. e TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Livro das Mil e Uma Noites*. Vol. I. Ramo Sírio. Introdução, notas, apêndice e tradução de Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005.
- LO JACONO, C. *Islamismo. História, preceitos, festividades, divisões*. São Paulo: Globo, 2002.
- MAZAHÉRI, A. *Le vie quotidienne des musulmans au moyen age Xe au XIIIe siècle*. Paris: Hachette, 1951.

- NAFZAUI, M. *Os campos perfumados*. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NEFZAUI, O. I. M. *O jardim perfumado do xeque Nefzaui: manual erótico árabe*. Tradução da versão clássica de Richard Burton. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- O Alcorão. Tradução Mansur Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.
- ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991
- O significado dos versículos do Alcorão Sagrado*. Tradução Samir El-Hayek. São Paulo: MarsaM Editora Jornalística, 2001.
- RAGIP, H. S. M. “O Islam e as ciências médicas” In *Revista Mundo da Saúde*, Universidade São Camilo, nov.-dez. de 2000.
- ROBINSON, R. *O grande livro da Cannabis*. Guia completo do seu uso industrial, medicinal e ambiental. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ROGERSON, B. *O profeta Maomé, uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SABBAH, F.A. *La Mujer en el Inconsciente Musulmán*. Madrid: Ediciones del Oriente y del Mediterráneo, 1986.
- SAHLI, R. B. *O jardim das carícias: conto beduíno*. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SAVARIN, B. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SIMÕES, C. M<sup>a</sup>. O. [et al.]. (org.). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. Porto Alegre/Florianópolis: Ed. UFRGS/Ed. UFSC, 2000.
- Solaz del Espíritu en el Hachís y el vino y otros textos árabes sobre drogas*. Introducción, traducción y notas de Indalecio Lozano. Granada: Universidade de Granada, 1998.
- Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa. Dr. Helmi Nasr. Liga Islâmica Mundial.